

Japão investe mais na Albrás

VICENTE ADORNO
Especial para O Estado

TÓQUIO — O Japão confirmou que vai investir mais US\$ 80 milhões na Albrás, no projeto conjunto Nipo-Brasileiro em Barcarena, no Estado do Pará. O Japão já tinha investido originalmente mais de US\$ 600 milhões no projeto. A nova injeção de recursos é para a construção de mais usinas de fundição de alumínio e ampliação das instalações da Albrás, a partir de abril próximo.

Esse acordo foi confirmado pelo ministro Dílson Funaro em encontro que manteve com o ministro da Indústria e Comércio do Japão, Hajime Tamura. No primeiro estágio, esse projeto já produziu, em 1985, 120 mil toneladas de alumínio. Agora, no segundo estágio, está prevista a construção de usinas para produção de 180 mil toneladas de alumínio por ano.

Funaro também foi recebido pelo premiê Yasuhiro Nakasone e explicou ao chefe do governo japonês que o Brasil não pretende mesmo ir ao FMI. Nakasone declarou ter sido "lamentável" a decisão unilateral do Brasil de suspender os pagamentos da dívida, mas disse entender os motivos dessa atitude. Ele insistiu na necessidade de o Brasil apresentar logo um programa concreto de reabilitação econômica. Essa mesma observação foi feita pelos representantes dos bancos privados que são credores do Brasil, entre eles o presidente do Banco de Tóquio, Minoru Inoue.

A todos eles Funaro e Francisco Gros, presidente do Banco Central, responderam que a posição do governo brasileiro se afina mais com a orientação do Banco Mundial do que com a do FMI, e é por isso que ao Brasil não interessa aceitar a monitoração do FMI. Funaro lembrou que o Banco Mundial reconhece a necessidade de se preservar o crescimento da economia nos países endividados, ao passo que o FMI, apesar de algumas mudanças de opinião nos últimos tempos, ainda não adotou claramente uma posição como essa.

Porta-vozes brasileiros comentaram também que alguns jornais daqui do Japão exageraram a importância das discussões entre Funaro, Gros e os representantes do governo e dos bancos japoneses sobre o FMI. Na verdade, segundo eles, o ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central encontraram muita compreensão entre as autoridades e os banqueiros japoneses para essa posição do governo brasileiro. Também disseram que houve apenas uma conversa sobre o FMI, mas nunca, em momento algum, pressão de quem quer que seja para o Brasil aceitar a monitoração do FMI.

Funaro e Gros comentaram que a confirmação do acordo da Albrás foi uma consequência natural do bom desempenho desse projeto nipo-brasileiro. E ele se reveste de importância ainda maior, acentuam porta-vozes brasileiros, quando se sabe que aqui no Japão há uma grande crise nesse setor: sete das oito usinas de alumínio que existiam foram fechadas por causa dos altos custos de produção resultantes da elevação do iene.

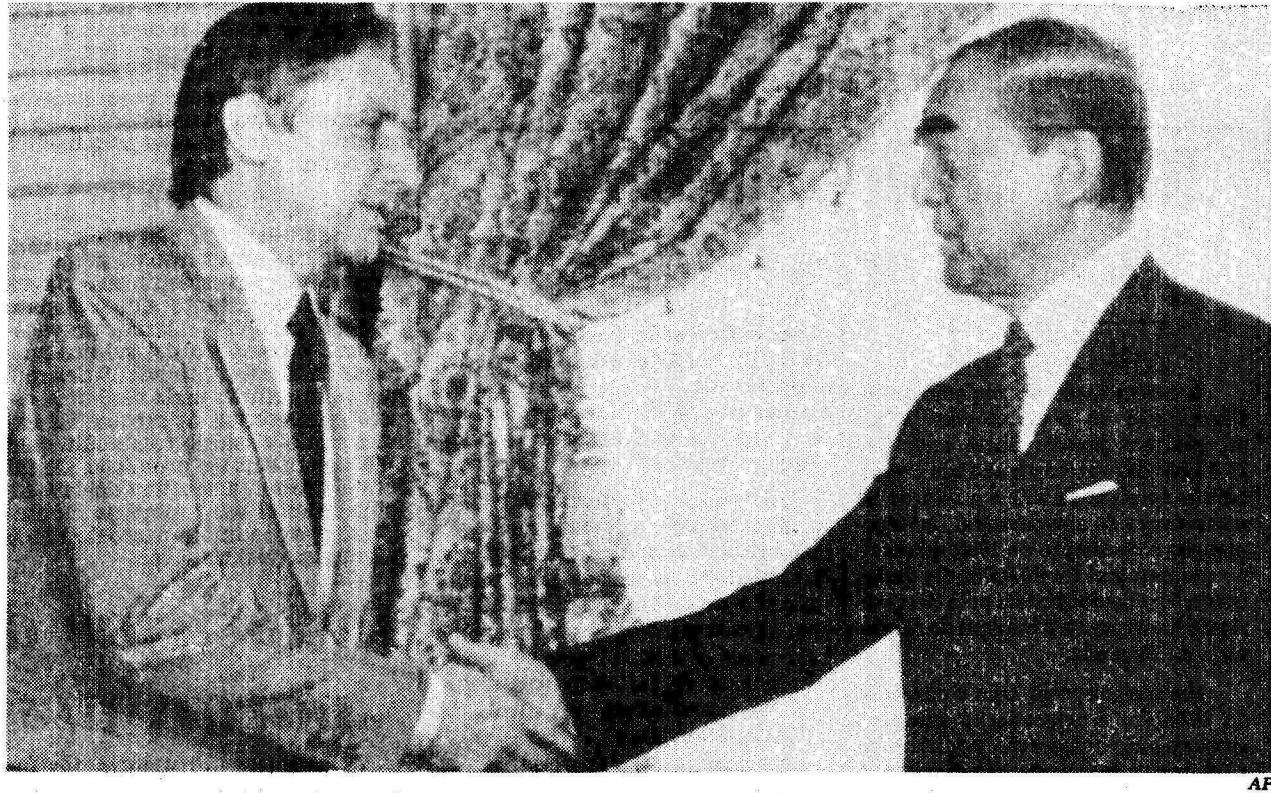
Alguns jornais, na esteira da visita de Funaro, comentam que nas últimas semanas a economia internacional foi abalada pelo anúncio quase simultâneo de dois acontecimentos: a decisão do Grupo dos Cinco em Paris de conter a queda do dólar nos mercados de câmbio mundiais e a suspensão dos pagamentos decretada pelo Brasil.

Na opinião de alguns jornais do Japão, o verdadeiro abalo sísmico provocado por ambas as notícias ainda não foi devidamente avaliado. Mais, de qualquer forma, antecipam que a decisão do Brasil pode causar um novo aperto no crédito e ainda alta de juros.

Mas um comentarista da Rádio e TV NHK observa que, ao contrário, essa iniciativa do Brasil vai beneficiar os demais países devedores. Não que isso os esteja animando a pensar na formação de um cartel de devedores, mas na prática eles vão ter agora melhores condições para negociar com os credores depois da decisão brasileira.

Apesar da diferença de opiniões as duas correntes concordam num ponto: é preciso que os Estados Unidos continuem sustentando a sua recuperação econômica, porque a maioria dos países devedores depende muito do mercado americano para continuar obtendo divisas estrangeiras e assim manter sob controle o pagamento da dívida.

Em entrevista à rede de Rádio e TV NHK, Funaro também disse que os financiamentos precisam continuar, pois só assim será possível sustentar o crescimento econômico e continuar pagando regularmente os juros e o serviço da dívida.



Funaro cumprimenta o primeiro ministro Nakasone: o Brasil se identifica mais com o Bird

AP